

19 JUN 1996

CORREIO BRAZILIENSE



O aposentado Felinto Flora, 70 anos, recebe soro, sentado em um colchonete, próximo à porta do banheiro. Ele e seus vizinhos de corredor já não se incomodam com o mau cheiro

Em Sobradinho, faltam médicos e enfermeiros. Os pacientes passam a noite no chão, sem cobertor

HOSPITAL SEM CURA

Beth Veloso
Da equipe do Correio

“**E**u sou o Senhor que te sara”, diz a placa na entrada do Hospital Regional de Sobradinho. Mas o versículo bíblico não se confirma para os doentes que se amontoam na sala apertada do pronto-socorro. As pessoas que esperam, na fila, uma chance de atendimento só saem do lugar quando têm de abrir passagem para a ambulância apressada. Em vão. Minutos depois, ela parte em busca de outro paciente. Na kombi, com placa de Planaltina de Goiás (Brasilinha), a 40 quilômetros dali, Antônio Marcos Medeiros, 21 anos, padece de gastrite.

“Ele foi internado ontem (anteontem) no Hospital Nossa Senhora da Abadia, em Brasilinha, mas lá não tem condições de tratamento”, disse sua acompanhante, identificada apenas como Eliane, que foi com ele rumo a uma nova tentativa: o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Um outro doente, trêmulo, olhos virados, semi-acordado, tem mais sorte. Consegue ficar e deixa o Opala Velho, de placa. Coisa rara no hospital. Pelos corredores, colchões enfileirados denunciam a precariedade do atendimento. A enfermeira-chefe, Lídia Serafim, informa que existem apenas 40 camas, e mais de 60 pessoas internadas — 28 crianças, 18 mulheres e 20 homens. No chão, em frente à porta do banheiro masculino, o aposentado Fe-

linto Rodrigues Flora, de 70 anos, nem percebe o forte mau cheiro. Internado com tosse e vômitos, dormiu ali mesmo, sem lençol, cobertor ou travesseiro. O soro é preso ao prego na parede.

“Incomodar, incomoda, mas o que a gente vai fazer”?, sussurra, com dificuldade.

Waldir Abreu, 33 anos, está ali, ao lado de Felinto, não por acaso. Operado em 15 de junho, foi obrigado a deixar o hospital com o curativo sangrando. Voltou ontem para tratar da mesma fratura na perna, gemendo de dor. “Nem remédio alivia”, afirma, resignado.

LOTERIA

No Hospital de Sobradinho é assim. As pessoas que conseguem ficar comportam-se como se tivessem ganhado na loteria.

“É melhor do que não ser atendida”, conta a aposentada Joana Souto, 73 anos, olhos de menina, sorriso meigo. Nem parece que não dormiu à noite, “por causa das dores e das crianças chorando”. Desidratada, ela se equilibrava sobre um banco forrado com restos de espumas, simulando um colchão. O cobertor, ela levou de casa. “A gente tem que se conformar com tudo”, ensina.

A enfermeira Lídia também está conformada. Grávida de seis meses, estava sozinha para atender a todos os pacientes internados. “A situação está caótica há muito tempo. Os pacientes são atendidos no chão, sem isolamento, sem oxigênio. Já fizemos de tudo para melhorar, mandamos relatório para a direção. Mas nada”, revela.

O chefe do pronto-socorro, Omar Barboza, também se julga impotente. Tem dificuldades de encontrar uma resposta para o futuro. Sabe, apenas, a origem do caos. “Quando o hospital foi criado, em 1967, Sobradinho tinha uma população de 30 mil habitantes. Hoje, está em torno de 150 mil. E a estrutura do hospital permanece a mesma”, explica.

Há outro agravante. “Mais de 60% dos pacientes internados são de outros Estados”, completa o médico-



Nem as crianças escapam da precariedade do atendimento no HRS

sanitarista Walter Souto. Um levantamento feito pelo hospital apontou pacientes de 211 cidades diferentes, a maioria, do Entorno.

UTOPIA

Para ele, a solução está em dar condições de vida à população e em um novo modelo de saúde pública, baseado na prevenção. “Em tese, não dá para imaginar uma fila para emergência. Emergência é emergência”, revela. “Mas é utópico”, admite.

Fala mansa, pausada, Omar Barboza comanda uma equipe de três clínicos, três pediatras, três ginecologistas, dois ortopedistas e dois cirurgiões. Muito pouco para atender a

uma média de 18 mil pacientes por mês. Em 1991, a demanda era de 11 mil pacientes e, em 1988, de oito mil. De lá para cá, a estrutura do hospital só fez minguar.

Puxando pela memória, Omar lembra que as unidades de psiquiatria e de urologia não funcionam mais. O oftalmologista está demissionário.

A pediatra Rosângela Fátima de Oliveira, sobrecarregada, entende porque os companheiros estão indo embora. “O hospital era muito bom, mas está piorando gradativamente”, constata. Ela tem de atender tanto os pacientes internados quanto os que passam pela triagem para uma con-

sulta, depois de, no mínimo, três horas de espera.

No meio da conversa, Rosângela garante à dona de casa Imaculada Conceição da Silva, 28 anos, que a filha Tailine, de 2 anos, está fora de perigo. A menina, com bronquite e problemas no intestino, adormece em um colchão, no chão, com o soro aplicado à testa.

Enquanto isso, o menino Ícaro George, de 8 anos, espera desde as 7h30 para ser atendido por Rosângela, com febre reumática e garganta inflamada. A mãe, Margareth Moraes, depois de passar pela triagem, está desanimada. “Já vim várias vezes aqui. Não sei se vou esperar”.

A triagem, “grosseira”, como define a pediatra, é que vai definir quem será atendido. Ou quem será atendido primeiro, segundo o chefe do pronto-socorro. Não faz muita diferença, porque nem todos conseguem esperar o chamado.

A médica Rosângela está cansada de ouvir reclamações, mas não pode fazer nada. “A gente fica com medo de deixar uma criança em estado grave passar”, confessa.

ESPERANÇA

O fim da fila para o menino Ícaro pode vir com a implantação da Reformulação do Modelo de Atenção à Saúde (REMA), a partir de primeiro de agosto. É o que espera o chefe do pronto-socorro. Omar Barboza aposta que o programa vai desafogar o atendimento de emergência, ao mostrar às pessoas que elas devem procurar os postos de saúde e ambulatórios.

Quanto aos pacientes internados, ele é pessimista. “Se for construído mais um andar, vai aumentar também o número de pacientes”, revela. “É um saco sem fundo”, conclui.

Sem meias palavras, Omar Barboza, que é médico aposentado e ganha R\$ 440 para ser o chefe da emergência do hospital, é um homem marcado pela angústia. “Quando viajo de férias, fico lembrando daqui como um pesadelo. Vim há cinco anos, com a esperança de melhorar. Mas só tem piorado”, lamenta.